

OFICINA DE GERAÇÃO DE RENDA: CONFIGURAÇÕES GRUPAIS, SINGULARIDADES E TERRITÓRIOS NÔMADES

LAÍS VARGAS RAMM¹; MARIA LAURA COUTO²; JOSÉ RICARDO KREUTZ³

¹*Universidade Federal de Pelotas - laisramm@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - lauracouto@uol.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas - jrkreutz@gmail.com*

1. Introdução

O presente trabalho discute acerca das configurações e reconfigurações grupais, e como elas se dão a partir de participações singulares, em uma oficina de geração de renda que funcionou em um CAPS de Pelotas, sendo esta produto do estágio de Promoção e Prevenção em Saúde de acadêmicas do curso de Psicologia da UFPel, e fazendo parte de um conjunto de ações acadêmicas iniciais do grupo TELURICA¹. A oficina aconteceu no período de agosto de 2014 a julho de 2015. O problema, referente às configurações grupais em que a oficina se sustenta e acontece, surge em razão de que em um período de dois semestres o grupo reconfigurou-se muito significativamente.

Para fins de contextualização, citamos Amarante (apud SCHIMIDT & ARAÚJO, 2011) que escreve que a proposta das oficinas de geração de renda é capacitar os usuários a criar, produzir e vender os produtos, sendo por meio destas ações inseridos socialmente, e ao mesmo tempo desvinculados do trabalho explorador. Busca-se autonomia através de uma forma horizontal de trabalho, conhecida como Economia Solidária, cujos pressupostos teóricos e práticos, aliados às ações de saúde mental subsidiam muitas das oficinas de geração de renda existentes em todo o Brasil.

A oficina de geração de renda é um dispositivo em saúde mental que, além de ter objetivos clínicos, também é uma proposta de construção de autonomia através de uma forma de organização do trabalho solidária e horizontal. O trabalho, segundo Civitatta (apud KAWAHALA et al, 2009), é um processo de natureza ontológica, ou seja, suas formas de organização, mutáveis de acordo com os acontecimentos históricos, engendram subjetividades e constituem formas de ser do homem. É por esta razão que não se pode dissociar questões referentes ao trabalho do que chamamos de promoção e prevenção em saúde. Intervenções que objetivam promover autonomia, liberdade, relações comunitárias de igualdade e afeto, são, portanto, uma forma de promover saúde.

2. METODOLOGIA

A oficina foi criada a partir do diagnóstico de demandas do serviço. Após a divulgação da proposta, quando reunidos os usuários e familiares interessados, passaram a acontecer encontros semanais. Esses encontros se dividiram em atividades práticas de produção de alimentos (conservas e compotas) e outras de

¹ TELURICA - Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autoriais - é um grupo de pesquisa interdisciplinar coordenado pelo Prof. Dr. José Ricardo Kreutz, vinculado ao curso de Psicologia da UFPel, composto por uma linha de pesquisa "Investigação e In(ter)venção em limiares sociais urbanos e rurais" que contém um projeto de pesquisa intitulado "Territórios de Experimentação e Problematização da Diferença a partir de ações de Ensino e Extensão no âmbito da graduação". A análise desta ação de ensino faz parte de um conjunto de ações iniciais deste grupo.

discussão de conceitos e temas relacionados à proposta de oficina. A metodologia de análise da problemática aqui proposta é de viés institucionalista, uma vez que se utiliza de dispositivos da análise institucional. O principal deles é a ideia de analisador natural (BAREMBLITT, 1996). Os analisadores naturais são aqueles elementos capazes de explicar aspectos da instituição, que surgem no percurso social e histórico desta. Como analisadores principais, serão discutidas a participação e desvinculação de um dos usuários, que aqui chamaremos Bento, e a participação e afastamento de uma usuária, que aqui chamaremos Clécia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bento constitui-se desde o início da oficina uma liderança no grupo. Foi dele a sugestão de produzir conservas e compotas como forma de iniciar a comercialização. Ele participou de duas reuniões de produção, e da venda do que foi gerado nas mesmas, e de cinco reuniões de planejamento. Após este período inicial de oficina, Bento passou a mudar seu comportamento dentro do serviço de saúde mental, passando a solicitar, no grupo terapêutico do qual fazia parte, e em conversas com seu técnico de referência, a alta do serviço. Neste processo, Bento acabou tendo seu pedido de alta negado pela equipe, que explicou a ele que isto deve ser uma decisão gradual e não tão repentina. Isto foi muito frustrante para Bento, mas ele acabou tomando uma decisão muito importante de forma autônoma: mudou-se de cidade e lá passou a trabalhar como garçom em um restaurante.

Clécia, por sua vez, se manteve interessada e participando ativamente dos processos decisórios, das produções e das vendas da oficina durante todo o primeiro semestre. Em vários momentos demonstrava se sentir empoderada pela confiança “depositada” nela para fazer ações simples, como manejear facas na cozinha, ações estas que em outros momentos, em atividades das quais participara, lhe haviam sido proibidas. Outra atividade que Clécia tinha no CAPS, concomitantemente à oficina de geração de renda, era o acompanhamento terapêutico com uma estagiária de terapia ocupacional. A estudante lhe ajudava a estudar para o ENEM. Em decorrência dessa prova, Clécia foi selecionada e matriculou-se no curso de dança, na UFPel, o que consequentemente a afastou da oficina.

Poderíamos considerar uma frustração aos objetivos da oficina os efeitos que ela (junto com diversas outras contingências) produziu na vida de Bento e Clécia, uma vez que o objetivo inicial da oficina era capacitar os participantes a organizarem-se enquanto empreendimento econômico solidário. No entanto, há de lembrar-se que todo o território já traz consigo as possibilidades de desterritorialização (DELEUZE & GUATARRI, 2004), e que elas certamente em uma oficina acontecem, a partir do encontro singular que cada um dos integrantes tem com ela. E nessa perspectiva, tanto Bento quanto Clécia tiveram um encontro promotor de vida com a oficina.

A análise das implicações² das estagiárias no processo de in(ter)venção é, talvez, a maior contribuição para avançarmos na compreensão do funcionamento do grupo. Apesar de as desterritorializações serem inerentes ao processo da oficina, também a reterritorialização é necessária. É preciso que, ao mesmo tempo em que o grupo se comporta de forma dinâmica e produz frutos inesperados, sejam constantemente retomados os objetivos do serviço da oficina

²“A análise da implicação significa pesquisar, exaustivamente, no coletivo interventor, quais foram os inconfessáveis e imperceptíveis ou recalcados que foram ativados.”(BAREMBLITT, p.103).

de geração de renda. Isto porque ela não se pretende uma tutoria de capacitação para o mundo do trabalho, tampouco para a inserção das pessoas com transtorno mental na lógica produtivista adoecedora da sociedade. Não se trata de objetivar manter o paradigma individualista, mas oferecer o grupo como uma possibilidade potente, que pode reverberar em formas de emancipação diversas. O processo é rizomático³ (DELEUZE & GUATARRI, 2011), não há a possibilidade de, a priori, saber o que ele produzirá.

Para compreender as peculiaridades da constituição de territórios na oficina de geração de renda no serviço de saúde mental, é importante rememorar o conceito de corpo sem órgãos (DELEUZE & GUATARRI, 2004). O corpo sem órgãos se opõe às máquinas desejantes, que caracterizam a vida dos neuróticos, a partir dos modos de subjetivação circunscritos no sistema capitalista. A construção de um corpo sem órgãos na oficina de geração de renda opõe-se a objetivos muito específicos que possuem relação direta com as implicações (BAREMBLITT, 1996) das estagiárias, enquanto dupla interventora. Ter objetivos a longo prazo muito estanques para um grupo de participantes da oficina é fruto da ação de máquinas desejantes, ainda que isto parta dos princípios solidários de uma economia micropoliticamente transformadora. As participações de Clécia e Bento ensinam, sobretudo, que o corpo sem órgãos se impõe no interior da oficina, que ele instituiu e substituiu o grupo a partir do desejo e do encontro de cada participante com ele.

4. CONCLUSÕES

A partir do que observamos ao longo de dois semestres de oficina, há uma série de fatores que influenciam a forma como cada participante contribuirá com o grupo, quanto tempo permanecerá nele e quais investimentos simbólicos imprimirá no mesmo. Um destes fatores é a forma como cada participante se relacionou ao longo da vida com o mundo do trabalho.

Para Clécia, a oficina significou a (re)descoberta de possibilidades de autonomia, e para Bento ela deu urgência ao desejo de encontrar no trabalho sentidos para a existência. Ambas as participações compuseram vida à oficina, e a eles mesmos enquanto sujeitos.

A oficina de geração de renda do CAPS mostra que é não é possível pensar nas configurações grupais-sem a análise do encontro singular de cada um dos participantes e, na mesma intensidade, dos coordenadores do grupo com essa experiência. É possível sim constituir territórios e retornar a eles quando se desfazem, no entanto é necessário aceitar seu caráter nômade: a isso podemos chamar de invenção pela implicação e pode ser uma potente ferramenta profissional.

Por fim, é necessário construir para si um corpo-sem-órgãos (CsO) (DELEUZE & GUATARRI, 2004), no sentido de se deixar afetar pelo que o contexto em que a oficina acontece tem a ensinar. Entendendo, portanto, que o produto dela não seguirá todos os passos de um planejamento.

É construindo territórios juntamente com os participantes da oficina, e devolvendo estes mesmos territórios a eles de maneira acessível à sua compreensão, que se torna possível permitir que eles façam desterritorializações e que o que há neles de corpo sem órgãos possa invadir a oficina de maneira

³ O rizoma é uma estrutura que não tem origens ou hierarquias definidas, mas se constitui na multiplicidade. “[...] oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas[...].” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 43)

criativa e plena, desconstruindo os acoplamentos binários das máquinas desejantes.

5. REFERÊNCIAS

- BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**. Rosa dos Tempos, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F.; MUÑOZ, A. A. (trad) **O que é a filosofia?** Editora 34, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 3.** Editora 34, 2004.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2.** Rio de Janeiro: Ed. 34, V.1, 2^a ed., 2011.
- KAWAHALA, E. Et al. **Saúde mental e economia solidária: Estratégias de reabilitação psicossocial**. Extensio: Revista Eletrônica de Extensão Ano 6. n. 7, Julho de 2009.
- SCHMIDT, A. ARAÚJO, M. P. **Oficina de geração de renda: Uma experiência de inovação**. In: ARAÚJO, M. P. RIBEIRO, N. M. B. (org). **Economia solidária – Experiências na extensão universitária**. Novo Hamburgo, RS. Feevale, 2011. P 75 a 86.